

A canção da vida

DRA. JAQUELINE DORING RODRIGUES

O quadro *O Nascimento de Vênus*, de autoria do pintor italiano Sandro Botticelli, foi especialmente escolhido como tema de capa das três últimas edições desta revista. Nesta edição, o destaque é o tema nascer, ilustrado na pintura pela deusa da Primavera à espera de Vênus, que vem do mar para cobri-la com seu manto florido. Esta imagem retrata a capacidade de se renovar e florescer. Expressa a vida que se origina de Vênus, dotada de uma beleza considerada divina, ou seja, a vida que provém do amor. Quando pensamos em “nascimento”, o primeiro aspecto que nos remonta é uma vida gerada de outra. Para além deste entendimento, podemos aprofundar esse fenômeno em formas menos concretas e não menos importantes.

Os gregos dizem que Afrodite, ou Vênus, nasceu da união entre o céu e o útero fértil do mar, quando o deus Urano foi castrado e sua genitália caiu no oceano, durante uma disputa entre Urano e seu filho, Cronos. Assim, é aquela que nasce após a luta entre a eternidade e o tempo carregando o desejo que une os seres e que dá ritmo à criação. Fazendo do amor a ponte do concreto com o espiritual. Nesse sentido, penso que a base da existência possa ser entendida através deste mito, pois trata-se de relacionamentos, de estabelecer uma conexão. Em última instância, no amadurecimento da capacidade de amar, ultrapassando as barreiras e fronteiras.

Começa-se amando aqueles que fazem parte de sua família, aqueles os quais se tem proximidade física. Como no amor materno que supera as condições mais adversas e estabelece a primeira relação que temos em vida através da proteção e da nutrição. Nesta dinâmica de relações, talvez o maior requinte seria poder viver essa experiência de amor sentindo-o através de tudo que existe (inclusive todos). Numa concepção de que nascer consiste numa oportunidade de viver o amor.

Há muitas formas de nascimento, a exemplo de algumas virtudes, como a generosidade que tem em sua base a capacidade de gerar, de dar vida. Aspecto este muito marcante nas mulheres e que consiste na sua capacidade de entregar-se àquilo que se ama. Pensa-se em gerar coisas e, nem sempre, se lembra de manifestar sua criatividade. Talvez um tanto das angústias que se carrega dentro de si sejam ideias, sonhos que se está gestando e adiante, quem sabe uma vida toda, o seu nascimento.

A necessidade que se tem de estar ocupado e ser o tempo todo útil não permite a contemplação, a reflexão, a vivência profunda do amor. No fundo, há uma fuga velada

do encontro consigo mesmo. Assim, perde-se a oportunidade de conhecer-se cada vez mais.

Tudo na natureza, para nascer, vem de uma espera, de um cultivo, de um gestar. Um laboratório para a paciência, para a moderação, para a compreensão dos ciclos da vida. A sociedade está carente destes atributos femininos, os quais quando ausentes levam a fanatismo, segregação e ódio. A experiência estética é própria da polaridade feminina e relaciona-se com a arte. Por isso, a importância da imaginação artística, também, por exemplo, na economia e na política - ela faz voltar-se os olhos para além de si mesmo. E sem esse olhar para o todo não há harmonia.

A relação do homem com a natureza é uma relação de filiação. Isso significa que sobrejacente existe um amor fraterno por todos os seres e, sendo assim, tudo merece respeito por si só. Este Homem apresenta-se à mãe natureza como quem compartilha, como quem serve e não com postura de usuário, o qual apenas utiliza sua matéria prima. Nesta união natural e ética, encontra-se o valor da estética, da beleza como elevação da consciência. Partindo disso, ao se fazer da existência um observatório das leis da natureza, constrói-se dentro de si uma confiança inabalável, que se caracteriza como a base para uma vida interior. E a ausência dessa no homem é a causa da ansiedade e do medo que assolam os tempos atuais.

Não há melhor remédio contra os meteoros e cometas morais da sociedade do que aprender a viver na tranquilidade da alma. Para isso, à semelhança de Vênus, retratado na pintura citada de Botticelli, há que se entregar ao vento de Zéfiro - fazendo da crise uma oportunidade - e deixar florescer na primavera o que se tem cultivado, em silêncio, dentro de si.

É um equívoco estudar o homem separado do todo Universal, seus vínculos de hereditariedade estão para além da genealogia terrena. As mesmas virtudes que existem nas forças criadoras da natureza também existem no homem. Isso o faz um tanto mais celeste, um tanto mais Humano.

A matriz do universo está também em cada um. Então por que se está tão fiel a processos de restrição que estancam a vida? Talvez, um bom começo é não ter medo da dor do parto e deixar vir ao mundo o que dá identidade ao seu ser. A vida pode ser um diálogo harmônico com o universo. Para isso precisa-se estar aberto para ouvir a sua canção – feita de números, cores e sons – enquanto caminha-se com a consciência tranquila e num firme desejo de ser útil à humanidade. **❶**